

O DISCURSO DE UM CERTO OCIDENTE EM BELO HORIZONTE

*José Maria Cançado**

RESUMO

Como talvez sugira a interessantíssima carta de Freud, enviada a um psicanalista de Belo Horizonte em março de 1938, véspera da invasão pela Gestapo da casa do próprio Freud em Viena, os cem anos da capital de Minas parecem ter sido atravessados por uma espécie de “discurso de um certo ocidente”. Uma das formas na qual mais se manifesta essa “tradição do novo”, é por certo a poesia que se faz em Belo Horizonte, da qual uma das expressões talvez mais curiosas, é aquela escrita por Marcelo Dolabela, sobretudo as paródias da poesia de Carlos Drummond de Andrade, típicas da melhor linha de apropriação e metabolização de um poeta por outro.

UMA TRADIÇÃO DO NOVO

Muito prezado senhor: boas notícias são sempre bem recebidas e em tempos como este particularmente gratas. Eu soube com grande interesse da sua atividade em prol da psicanálise, juntamente com o Dr. Pereira da Silva, e com profundo pesar, da morte prematura do Professor Porto Carrero.

Eu leio espanhol, mas apesar da semelhança entre as duas línguas, a leitura de algo em português, como os seus artigos, é confusa para mim. Tentei-o várias vezes, sem êxito. Também com seu livro não me saí melhor.

Espero que seu estudo da psicanálise lhe tenha proporcionado satisfação, e cada vez mais, à medida em que for penetrando nos seus recessos, e, de todo o coração, lhe desejo pleno êxito.

Seu mui dedicado (...).

Pulo por segundos o nome do signatário da carta. Ela foi postada em Viena e está endereçada à Rua Paraíba 1.061, Belo Horizonte. O destinatário: Karl Weissmann. Está datada de 21 de março de 1938. A data é dramaticamente significativa. Eram os dias da anexação da Áustria pela Reich, e, na tarde seguinte à da carta, agentes da Gestapo invadiriam a casa do seu signatário, revolveriam papéis,

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

RÉSUMÉ

La ville de Belo Horizonte se présente – dans l'écrit mémorialiste de **Boitempo** – comme un point de convergence de deux configurations sociales distinctes: le vieil ordre moral du clan et le nouvel ordre urbain. Les images de la charrette et du coupée fonctionnent alors comme des emblèmes d'une tension entre le vieux et le nouveau, l'archaïque et le moderne.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boitempo II**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**; 10 livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. **Sedução do horizonte**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1996.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão Ferreira dos. Cartografia literária. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 49, 1997. **Anais...** São Paulo: SBPC, 1997. v. 1, p. 29-31.

e deixariam uma intimação para que a filha daquela casa corretamente burguesa fosse prestar depoimento na sede da sinistra instituição. Tinham começado os constrangimentos que levariam o autor daquela carta tão suave, e tão protocolar, escrita no melhor estilo da alta deferência européia, a deixar Viena e a se exilar em Londres, onde morreria.

Já dá agora para desvelar o nome do signatário (vocês também já o adivinharam): Sigmund Freud.

Aquela carta, quase uma espécie de um dos últimos instantâneos da aventura epistolar, internacionalista, dialogal e planetária da psicanálise, e da Sociedade Internacional de Psicanálise e do seu fundador, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, não deixava de ser um baita reconhecimento de que a escuta do inconsciente e das suas leis – e o que isso significava – já tinha se instalado numa pequena cidade de um país na periferia do capitalismo.

Não era a primeira vez que esse enviado mas heróico discurso de um certo ocidente – a psicanálise – soava em Belo Horizonte.

Vocês sabem que o terceiro (e último) número de **A Revista** tinha trazido em 1926 a tradução (pelo Dr. Iago Pimentel) de parte da famosa conferência que o próprio Freud fizera nos Estados Unidos e na qual ele anunciava – “eu vos trouxe a peste”, referindo-se ao regime e à descoberta do lugar nenhum, da câmara escura e invertida do inconsciente.

Antes, na mesma **A Revista** (e isso certamente já foi referido aqui, neste seminário, quando se cuidou deste período da literatura em Belo Horizonte), Carlos Drummond de Andrade, atirado como era então, tinha escrito: “Aqui nós não copiamos Rimbaud... nós desenvolvemos Rimbaud”.

Esses “instantâneos”, que estampam que aqui o repertório e a mapa modernista como que tinham nascido já planetarizados, não são poucos. Para ficar só com mais um: Pedro Nava, certamente a goela antropofágica mais larga e rabelaisiana dos modernistas mineiros – isso acabou por se revelar muitos anos mais tarde no grande magma cultural, lingüístico, semântico, étnico, das suas memórias, verdadeiro buraco negro da cultura literária do ocidente – escreveu que sua geração tinha chegado à adolescência e aos anos de formação debaixo de um estrondo. Diz ele, referindo-se à guerra de 14: “Logo entramos violentamente na geografia e vimos a Terra se encolhendo repuxada pelos fios telegráficos que fizeram o Marne desembarcar no Arrudas...”.

Esses instantâneos não são poucos, e nem coisa de “caboclos bovarizados”, como costumava dizer Mário de Andrade para provocar Carlos Drummond. Eles são significativos o bastante, e reincidentes o bastante, a ponto de eu estar convencido de que há uma espécie de “tradição do novo” no melhor da produção cultural, e literária especificamente, de Belo Horizonte.

Estou convencido de mais: o lugar no qual essa tradição do novo, essa “condenação ao discurso de um certo ocidente” e à literatura do mundo, se manifestam hoje mais finamente é na poesia atualmente escrita em Belo Horizonte.

UMA ECOLOGIA DO SUJEITO

A meu ver, duas marcas, duas linhas de força, e duas atitudes diante da língua, do mundo, e da própria lírica, definem essa poesia. Em primeiro lugar, o que talvez seja uma espécie de democrática, whitmanniana, transitiva, e ao mesmo tempo escolada, feição do sujeito poético. Ao invés, me parece, de ficar emparedado na “faixa” pungente-confessional, na “caça às bruxas” do eu lírico, na temporada de caça do que o constitui, ao invés da pegada torsionária e messiânica no pescoço desse eu, e ao invés do regime essencialista do que seja a verdade poética, essa poesia se lança numa espécie de prismação do sujeito. Prismação não tanto no sentido de fragmentação, mas de aceitação jubilosa e irônica ao mesmo tempo de que este sujeito está em muitos lugares e como que andando pela língua e pelo resto do repertório poético do planeta. Um sujeito poético “sem terra”.

Acho que um dos exemplos mais curiosos, inteligentes e bem realizados disso, foi a paródia, feita por Marcelo Dolabela, de alguns dos poemas mais *racés*, mais classudos, de “Claro Enigma”, de Drummond. Vale transcrever um deles, que traz o mesmo título outonal e delicado do poema do próprio Carlos Drummond de Andrade:

Contemplação no Campo das Flores

*mas e eu que não me sabia
cansado de mim julgava
pois jamais me sorria
a cortina de palavras
a angústia na mão esquerda
a outra voz acaricia
ladrilhando minhas mãos
na doação da ironia
quando os frutos são colhidos
das palavras da cortina
quem sabe da flor que aí
humaniza-se sangüínea
da bruma do nosso rio
qual irmão nos chamaria
da região tão minúscula
das formas puras do dia
longo mentar de uma flor
que vai num estreito rio
e traz no sangue, no vento
chuva, calor, terra, frio
e os pés e as mãos dos homens
co' a mais humana sangüínea;
triste é não ter um só verso
para povoar as esquinas*

Sugiro que o que rola aí, nesse misto de paródia e montagem, não é o veneno da corrosão, não é o empastelamento gaiato do sério e da dicção superior, do sublime. É ao contrário uma coisa quase cooperativa mesmo entre sujeitos poéticos, uma recomposição e reassentamento de temas, de figuras de estilo, de topoi, uma recomposição do próprio drummondianismo. Quase como um “passa anel” entre sujeitos poéticos. Como se, de dentro do próprio corte severo e sublime dos poemas, se fosse tentado a dizer, repito, jubilosa e ironicamente: “Vigia que tem um outro sujeito se movimentando ao lado de Drummond aqui dentro!”. Quase um “Pierre Menard, autor de ‘Claro Enigma’”.

Como essas paródias de “Claro Enigma” (que estão, se não me engano, num pequeno livro de M. Dolabela chamado **Alguns poeminhas**, de 1995), muito da poesia que se faz hoje aqui tem esse efeito de expansão do repertório e da própria experiência poética. O poema deixa de ser esse produto entregue gotejando sabe-se lá o quê ao final de uma empresa verbal dramática e torsionária. A poesia passa a ser a criação de um poema para o sujeito e de um sujeito para o poema, mesmo que não se saiba qual é um e qual é outro. A poesia passa a ser também uma “ecologia do sujeito”.

A outra marca, que deriva generosamente até da primeira, é uma certa aventura e uma grande disposição de associação na estratégia de edição e de publicação. Mas não falo aqui do coletivismo, tipo “cruzada das crianças”, da poesia mimeógrafo. Não. É um outro entendimento. Além de estratégia de publicação, e até de criação de um fato pop-político-poético-relevante e de visibilidade, como se costuma dizer hoje, há também a sacada que os sons, as cores, locais ou não, os cheiros, os nomes, os poemas, tudo enfim se responde nessa constelação. “Dans mon île”, porra nenhuma. O bom é se lançar no mar da língua.

Termino. É essa expansão do repertório, essa percepção à la Walt Whitmann de que “dia virá em que a poesia será feita por todos”, essa percepção de que a poesia e a experiência poética não são a grife e a saia justa do indivíduo, mas a multiplicação do sujeito, e a percepção de que a poesia é uma jogada de boa “desterritorialização”, enfim, é tudo isso que pode levar à quase impressão de que o Freud da véspera da visita da Gestapo, o Freud correspondente com a Belo Horizonte, bem poderia ser também o autor do seguinte poema de uma poeta daqui da cidade, Ana Caetano:

*A guerra acabou:
nós ainda vemos o inimigo.
O sonho acabou:
Nós ainda amamos o perigo.
A história acabou:
a memória ainda é um anjo antigo.
O mundo acabou:
o futuro ainda é um abrigo.*

RÉSUMÉ

Comme on aperçoit avec la lettre envoyée par Freud à un psychanalyste de Belo Horizonte, le 21 mars de 1938, à la veille de l'invasion de sa maison à Vienne par la Gestapo, les cent ans de histoire de la capital de Minas Gerais semblent être toujours traversés par une sorte de "discours d'un certain occident". Une des formes à laquelle se manifeste le plus cette "tradition du nouveau", est certes la poésie faite à Belo Horizonte, dont une des expressions plus curieuses est celle là, écrite par Marcelo Dolabela, surtout les parodies de quelques poèmes de Carlos Drummond de Andrade, typiques de la appropriation e de la transformation, les meilleures, d'un poète par un autre.